

PASSADO, AÇÕES PRESENTES E PERSPECTIVAS DA ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTURA ORGÂNICA (AAO), SÃO PAULO, BRASIL¹

Richard Domingues Dulley²
Maria Célia Martins de Souza²
Adriana Novoa³

1 - INTRODUÇÃO

As duas últimas décadas foram responsáveis pela construção da estrutura da agricultura orgânica no Brasil, constituindo-se nos seus primeiros passos no País. O Estado de São Paulo desempenha papel importante nesse cenário, pela participação ativa de ONGs como o Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural (IBD), Associação de Produtores de Agricultura Natural (APAN), Fundação Mokiti Okada (Associação Mokiti Okada), Associação de Agricultura Natural de Campinas e Região (ANC) e Associação de Agricultura Orgânica (AAO).

O objetivo desse estudo é mostrar o passado do movimento de agricultura alternativa no Estado de São Paulo desde o início da década de 1980, e que resultou na fundação da AAO, em 1989. O estudo descreve as atividades técnicas e institucionais da Associação e atividades comerciais de seus agricultores nos últimos dez anos. Apresenta, também, algumas perspectivas para a produção orgânica em São Paulo e no País.

2 - O PASSADO

A AAO foi fundada em 28 de maio de 1989 na Granja Tsuzuki, em Caucaia do Alto, município de Cotia, Estado de São Paulo, como Sociedade Civil sem fins lucrativos, com sede na cidade de São Paulo.

O objetivo principal da AAO é o de trabalhar para o desenvolvimento e a prática da

agricultura orgânica, que tem como metas o não uso de agroquímicos, a preservação e recuperação da capacidade produtiva dos solos, não agressão ao meio ambiente e a produção de alimentos de alto valor biológico, saudáveis, equilibrados e sem contaminação, acessíveis a todas as camadas sociais.⁴

De acordo com EHLERS (1996), as origens remotas da AAO no campo produtivo encontram-se na Estância Demétria em Botucatu onde ocorreu a primeira experiência que se tem notícia no Estado de São Paulo, que contestava frontalmente o modelo de produção agrícola proposto pela chamada revolução verde. No campo acadêmico, o questionamento sobre os impactos ambientais da agricultura moderna partiu quase que simultaneamente de alguns pesquisadores de diferentes partes do Brasil⁵. As idéias de José Lutzemberger e Adilson Paschoal eram hostilizadas, e até mesmo ridicularizadas, principalmente por acadêmicos que acreditavam piamente no sucesso do padrão convencional e que este só traria benefícios. Essa defesa da ciência e tecnologia oficiais recebia apoios econômicos e ideológicos decisivos de entidades como a Associação Nacional de Defensivos Agrícolas (ANDEF), hoje ironicamente autodenominada Associação Naci-

¹Versão preliminar deste estudo foi apresentada no X Congresso da International Rural Sociology Association (IRSA), realizado no Rio de Janeiro em julho de 2000.

²Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Engenheiro Agrônomo da Associação de Agricultura Orgânica (AAO).

⁴Para atingir esses objetivos poderá: a) colaborar com a organização da produção e de consumo; b) promover assistência e orientação técnica; c) integrar a agricultura com demais setores como saúde, educação, pólos ecológicos, entre outros; d) cadastrar pessoas e entidades; e) desenvolver e organizar um banco de dados; f) promover o controle de qualidade dos produtos; g) apoiar e desenvolver pesquisas de interesse agroecológico; h) divulgar a agricultura orgânica, promovendo cursos, palestras e outros eventos; e i) outras atividades relacionadas aos objetivos da associação.

⁵EHLERS (1996) destaca Adilson Paschoal, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) em Piracicaba, São Paulo. No Rio Grande do Sul, destacaram-se Ana Maria Primavesi, da Universidade de Santa Maria; Luís Carlos Pinheiro Machado, da UFRS e também José Lutzemberger, um dos primeiros ativistas ambientais do Brasil.

onal de Defesa Vegetal.

Surgiu nessa época um grupo de jovens agrônomos que assumiu a direção da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP). Dentro dessa nova administração, formou-se um grupo de profissionais que passou a discutir os problemas sociais, econômicos e ambientais da agricultura convencional. Conforme EHLERS (1996), em 1977 realiza-se o primeiro Congresso Paulista de Agronomia, que leva muitos agrônomos a repensarem sua atuação profissional. No ano seguinte, a AEASP escolheu José Lutzenberger como Agrônomo do ano, para escândalo de muitos associados afeitos à agricultura convencional.

Foi formado na AEASP o Grupo de Agricultura Alternativa⁶, o qual, apesar de resistências dentro da própria associação, foi ganhando representatividade. O Grupo, que fazia reuniões periódicas, começou a reunir e disseminar informações através do Jornal do Engenheiro Agrônomo (JEA) sobre agricultura alternativa, inclusive para outros estados. Além disso, o grupo visitou e cadastrou produtores simpatizantes dos métodos alternativos. Posteriormente, integraram-se ao grupo a Dra. Ana Primavesi e o Agrônomo Yoshio Tsuzuki, pioneiro da produção orgânica no Brasil. Como resultado de toda essa atividade, em maio de 1990 era inaugurada a sede da AAO no Parque da Água Branca em São Paulo, em local cedido pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA/SP) (EHLERS, 1996). Nessa época, os produtos orgânicos eram comercializados por meio de cestas vendidas pelos produtores diretamente ao consumidor ou em lojas de produtos naturais. A SAA/SP prestou, então, outra importante colaboração ao colocar à disposição da AAO um barracão localizado no próprio Parque da Água Branca e que até hoje abriga a Feira do Produtor Orgânico.

Foi somente depois de um grande esforço de organização, desenvolvido pelos então dirigentes da AAO, que em fevereiro de 1991 a Feira foi inaugurada, contando com a participação de oito agricultores, quatro apicultores e re-

⁶Faziam parte do Grupo de Agricultura Alternativa da AEASP: Ded Bourbonais, José Pedro Santiago, José Zatz, Luís Carlos de Barros, Paulo Peixe, Paulo Roberto Pires, Manuel Baltasar Baptista da Costa (coordenador), Maristela Simões do Carmo, Moacir José Costa Pinto de Almeida, dentre vários outros nomes.

presentantes dos Institutos Biodinâmico e Agrônomo de Campinas, além da Fundação Mokiti Okada.

O sucesso da idéia da Feira e das vendas foi imediato. O temor de não se conseguir formar uma clientela acabou se transformando num problema de oferta, tal o afluxo de consumidores. Nos sábados subseqüentes, para surpresa de todos, os produtos acabavam antes das 9 horas da manhã, o que mostra que o mercado já existia de fato. O trabalho dos agricultores e da AAO apenas tornou-o visível aos consumidores. O movimento por uma agricultura mais limpa, sadia e socialmente justa era validado por significativa parcela da sociedade paulistana.

Um número maior de agricultores foi se aproximando, engrossando as fileiras de produtores orgânicos certificados. Ainda em 1991, foi inaugurada a Feira do Ibirapuera, depois as de Vila Madalena e Granja Viana (já extintas), Alphaville e o Mercado. Este último foi fruto de iniciativa exclusiva dos próprios agricultores, que o conceberam e organizaram, e funciona de forma peculiar e coletiva.

Coube à Associação identificar os agricultores que já produziam de modo orgânico e estabelecer os critérios para sua seleção. Estes critérios não poderiam ser subjetivos e para tanto foi necessário criar um instrumental teórico que seria a base para avaliação técnica da propriedade. As Normas Técnicas de Produção foram, então, estruturadas, constituindo-se num documento de referência para o trabalho de certificação, a exemplo do que é utilizado por entidades congêneres em diversos países, mas buscando-se sempre regionalizar e "tropicalizar" os princípios gerais do documento-base.

Observa-se, portanto, que a Feira não surgiu por acaso. Foi fruto de muito trabalho e dedicação dos dirigentes e agricultores desse período inicial, assim como das administrações e dos produtores que deram continuidade aos esforços empreendidos pela Associação. As dificuldades técnicas para a produção agrícola orgânica eram muito grandes, uma vez que ainda não se dispunha do conhecimento acumulado que a comunidade de produtores da AAO tem hoje. Esse conhecimento foi fortalecido nesses últimos dez anos, em sua maior parte pelos próprios agricultores orgânicos ao produzir, ou seja, os agricultores também são responsáveis pela pesquisa.

Na história da AAO um importante marco foi sem dúvida a organização e a realização

do IX Congresso Mundial da Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica (IFOAM), em novembro de 1992, na cidade de São Paulo. O evento constituiu ato de muita ousadia e coragem da direção da AAO⁷, com repercussão interna favorável junto aos órgãos públicos, mídia, agricultores e simpatizantes do movimento orgânico, além de colocar o Brasil dentro do contexto da agricultura orgânica internacional.

No final de 1996, foi lançado o selo orgânico da AAO, que permitiu assegurar a qualidade orgânica dos produtos e assim expandir os canais de comercialização, de maneira que esses produtos agora podem ser encontrados em vários supermercados de São Paulo⁸.

Com a organização do sistema de certificação por meio do selo orgânico de qualidade da AAO e por iniciativa de alguns agricultores que se organizaram em grupos, foi feito contato com diversos supermercados⁹. Como seria de se esperar, no início ocorreram resistências e desinteresse. A persistência desses grupos que se formaram, e que hoje pode-se chamá-los de pioneiros, foi pouco a pouco abrindo espaços, ainda que pequenos, nesse imenso mercado.

A comercialização de produtos orgânicos nos supermercados constituiu o início de uma nova fase da agricultura orgânica em São Paulo e teve o mesmo êxito verificado por ocasião da instalação da Feira do Produtor Orgânico em 1991. O sucesso nas vendas permitiu identificar um mercado latente. Também na comercialização nos supermercados repetiu-se a mesma situação: a demanda potencial por estes produtos tornou-se visível.

3 - O PRESENTE

⁷A AAO era comandada por Manoel Baltasar Baptista da Costa e teve a colaboração do Engenheiro Agrônomo Sérgio Pedini.

⁸Apesar de algumas iniciativas não terem sido bem sucedidas, duas grandes redes de supermercados de São Paulo acreditam que a venda de produtos orgânicos *in natura* é um bom negócio. Os produtos são 30% mais caros que os convencionais, mas os consumidores parecem estar mais preocupados com a qualidade. Numa dessas redes, a venda de produtos orgânicos representa cerca de 8% das 35 toneladas semanais comercializadas, que representam 5% do faturamento (VIGLIO, 1996).

⁹Os supermercados foram: Carrefour, Sé, Pão-de-Açúcar, Cândia, Eldorado, Paes Mendonça e Supermercados Madri. A iniciativa original foi de Mauro Kayano, no final de 1995, através de uma loja do Paes Mendonça localizada no bairro do Morumbi, na cidade de São Paulo.

Atualmente, são atendidas aproximadamente 100 lojas entre as redes anteriormente citadas e outras. Há várias empresas que comercializa produtos certificados pela AAO que presta esse serviço. O faturamento estimado a grosso modo da comercialização de produtos orgânicos certificados pela AAO em São Paulo em 1999 esteve em torno de R\$5 a R\$6 milhões, isso sem incluir o que foi comercializado nas feiras de produtos orgânicos e os produtos processados oriundos de outros estados.

A AAO conta hoje com cerca de 2.000 sócios cadastrados (pessoas físicas, jurídicas, simpatizantes, etc.). Entretanto, apenas 500 associados pagam em dia as anuidades. Não deixa de ser uma Associação *sui generis*, pois a maior parte de seus associados não é de agricultores. É constituída, basicamente, por profissionais liberais, professores, estudantes, aposentados, funcionários públicos, artistas, médicos, enfermeiros, enfim, por pessoas de uma ampla gama de profissões, atividades e localidades do País. O quadro de associados nos últimos anos tem crescido na média de dez a quinze novos sócios por mês, com uma contínua e expressiva participação, não só de agricultores, mas também de pessoas interessadas na agricultura orgânica por questões ambientais e de saúde.

As tabelas que se seguem constituem um panorama da situação atual do número de agricultores certificados pela AAO e dos principais itens produzidos, além de área e distribuição espacial da produção. É, portanto, apenas uma visão aproximada, uma vez que, devido ao forte dinamismo observado recentemente no setor, novos agricultores estão continuamente entrando no negócio, ainda que alguns, em número bastante reduzido, estejam saindo.

A tabela 1 mostra o crescimento do número de agricultores certificados pela Associação. Dos oito agricultores certificados em 1991, chegou-se a 291 em janeiro de 2000 e já em abril do mesmo ano chegou a cerca de 320. A produção de 35 agricultores da AAO é comercializada na Feira do Produtor Orgânico realizada no Parque da Água Branca. Outros quase 150 agricultores utilizam o selo de qualidade orgânica da AAO, comercializando seus produtos por meio de empresas que vendem para supermercados, atacadistas, restaurantes, outras feiras, lojas de pro-

TABELA 1 - Número Total de Agricultores Certificados pela AAO até Maio de 2000

Período	Aprovados	Em transição	%	Crescimento acumulado (%)	% acumulada
Até dez. de 1996	26	-	7	26	7
Até dez. de 1997	49	-	13	75	20
Até dez. de 1998	100	-	26	175	46
Até jan. de 2000	116	24	31	291	77
Maio de 2000	89	120	23	380	100
Total	380	-	100	380	100

Fonte: AAO.

duto naturais e distribuição de caixas, diretamente ou por meio de distribuidores de cestas credenciados pela Associação. O número inicial de oito agricultores certificados em 1991 levou cerca de seis anos para triplicar. Entre 1996 e maio de 2000, esse número cresceu mais de 14 vezes, passando de 26 para 380.

A área de atuação da AAO, embora compreenda outros estados, concentra-se principalmente em São Paulo, que conta com 218 agricultores certificados, distribuídos conforme a tabela 2.

O cadastro de agricultores certificados da AAO conta ainda com 59 produtores em Minas Gerais, 3 no Espírito Santo, 4 no Paraná, 1 em Goiás, 2 no Distrito Federal, 1 no Rio de Janeiro, 1 no Rio Grande do Sul, 1 no Ceará e 1 na Bahia, totalizando 291 em janeiro de 2000.

A tabela 3 mostra a amplitude da produção orgânica de alimentos, que vem se expandindo para diversos tipos de atividade. Pode-se encontrar desde hortaliças para consumo *in natura* até processados, como pães, laticínios e embutidos. Alguns ainda se encontram em fase experimental, porém comercial.

No Estado de São Paulo, o maior número de produtores certificados pela AAO (155) dedica-se à horticultura, enquanto que a maior área certificada pela Associação corresponde à cultura do café, com 4.294,14ha. Excluindo-se o café, a área ocupada com produtos orgânicos certificados pela AAO é de 702,56ha.

Atualmente, o maior problema desse mercado não é mais a falta de demanda por produtos, mas, sim, a impossibilidade de ofertar um *mix* de produtos de qualidade e na quantidade e periodicidade demandadas pelos supermercados. Os supermercados exigem um suprimento constante e um *mix* mínimo de produtos que os fornecedores têm de garantir diariamente, numa

tarefa que exige planejamento e logística por parte dos comerciantes e dos agricultores. Comercializar na feira é bem menos complicado, pois o *mix* é coletivo e a falta de determinado produto numa banca é compensada por sua presença na do vizinho.

A mudança para o sistema de produção da agricultura orgânica elimina muitos dos problemas da agricultura convencional, mas apresenta problemas de outra natureza. São ainda muitos e foram observados nestes últimos dez anos, destacando-se aqui apenas aqueles considerados mais importantes: a) oportunismo por parte de alguns agricultores que desrespeitam as normas e os regulamentos de produção e comercialização; b) supermercados que misturam num mesmo local os produtos orgânicos certificados com os denominados "verdes" ou "limpos"; c) a não existência de conceito oficial do que seja um produto orgânico; d) dificuldade e custos elevados para a certificação internacional de produtos orgânicos; e) desorganização do setor em nível nacional; f) a certificação e a assistência técnica têm de ser pagas pelo agricultor; g) agricultores que nos últimos anos fizeram a conversão para sistemas orgânicos de produção, mais como decorrência da crise econômica da agricultura convencional e da existência de diferencial positivo de preços dos produtos, do que por realmente acreditarem naquilo que estão fazendo; h) tendência de substituição dos insumos químicos pelos orgânicos, o que contradiz alguns princípios básicos da agroecologia; i) preços diferenciais muito elevados, tornando os produtos orgânicos acessíveis apenas às camadas mais privilegiadas da população; j) margens de lucro absurdas estabelecidas pelos supermercados; k) afloramento de contradições entre comerciantes e comerciantes, comerciantes e consumidores, agricultores e fiscalização, etc.; e l) necessidade de

TABELA 2 - Agricultores Certificados pela AAO, por Município, Estado de São Paulo, Janeiro de 2000

Município	Agricultores certificados (nº)	Participação percentual
Ibiúna	49	22,48
Cotia	12	5,50
Piedade	10	4,59
São Roque	10	4,59
Leme	19	8,72
Ribeira	15	6,88
São Bernardo	10	4,59
Taubaté	7	3,20
Socorro	6	2,75
Outros	80	36,70
Total	218	100,00

Fonte: AAO.

TABELA 3 - Empresas Certificadas e Área, por Tipo de Atividade Relacionada à Produção Orgânica Certificada pela AAO, Estado de São Paulo, até Janeiro de 2000

Atividade	Empresas (nº)	Área (ha)
Horticultura	155	248,45
Fruticultura	26	229,27
Cana-de-açúcar	19	83,90
Cereais	18	91,65
Café	67	4.294,14
Ervas medicinais	4	2,03
Pupunha	3	4,50
Cogumelos	21	-
Mel	4	-
Ovos	6	-
Frango de corte	2	17,12
Leite	8	19,98
Leite de cabra	2	15,66
Processados/laticínios	5	-
Processados/panificação	7	-
Processados/conservas	8	-
Processados/outros	6	-
Café sem agrotóxicos	3	186,92
Comerciantes	5	-
Processadoras de café	7	-
Total	376	5.193,62

Fonte: AAO.

profissionalização da AAO, uma vez que apenas o trabalho voluntário começa a mostrar-se insuficiente para dar conta das atividades afetas à Associação.

Na esfera institucional, a normatização e a regulamentação de produtos orgânicos tiveram participação ativa da AAO. Em outubro de

1998, foi publicada no Diário Oficial da União a portaria nº 505/98 do Ministério da Agricultura, com uma proposta de normatização de produtos orgânicos. Esta proposta foi aberta para consulta pública até janeiro de 1999, período em que foram recolhidas sugestões da sociedade civil. Em maio de 1999, entrou em vigor a Instrução Nor-

mativa nº7/99 do Ministério da Agricultura e Abastecimento, com o objetivo de estabelecer as normas de produção, tipificação, processamento, envase, distribuição, identificação e certificação de qualidade para produtos orgânicos de origem animal e vegetal.

Além disso, a Associação tem procurado atuar em várias áreas, como nas relações entre os setores público e privado, exportações, ética na produção orgânica e organização de eventos e parcerias para apoio financeiro a projetos orgânicos. Na esfera comercial, as preocupações concentram-se nas relações com o mercado, canais de comercialização, papel dos consumidores, relação com os consumidores, preços e embalagens, entre outras. As atividades técnicas incluem o desenvolvimento e o aprimoramento de padrões orgânicos, certificação e apoio à produção, assim como a promoção de reuniões técnicas e cursos específicos.

Nesse contexto, a AAO vem desenvolvendo ações nos seguintes campos: 1) certificação/fiscalização - consolidação das normas e regulamentos e revisão anual com ampla discussão da qual participam agricultores, técnicos e consumidores; 2) atividades técnicas de certificação e fiscalização propriamente ditas da produção e comercialização, desenvolvidas por um corpo de consultores terceirizados e destinadas a garantir a credibilidade e qualidade da marca AAO; 3) organização de eventos como o Primeiro Encontro de Agricultores Orgânicos e a Primeira Feira Nacional de Produtos Orgânicos realizados em novembro de 1999 em São Paulo; 4) elaboração e execução de projetos de caráter social como os financiados pela Fundação Kellog no município de Ribeira (SP) e pelo Departamento Nacional de Cooperativismo em Ibiúna (DENACOO) (SP); 5) trabalho com consumidores por meio de reuniões destinadas a aumentar a sua participação nos destinos da AAO e da agricultura orgânica em São Paulo; 6) realização de *workshops* destinados à conscientização de agricultores sobre a importância social e ambiental do trabalho cotidiano por eles desenvolvido na produção agrícola orgânica; 7) planejamento estratégico destinado a estabelecer objetivos e metas a médio e longo prazo para a AAO; 8) interação institucional com outras ONGs ligadas à produção agrícola orgânica e à proteção ambiental, além de órgãos do Estado no sentido de fortalecer a agricultura orgânica em São Paulo e no Brasil. Em abril de 2000, foi realizada reunião na SAA/SP visan-

do à criação de uma Câmara Setorial de Agricultura Ecológica, na qual poderão ser discutidos os problemas e encaminhadas as soluções para o setor; 9) realização de cursos de capacitação de consultores, agricultores, técnicos e público em geral no campo da agricultura orgânica; e 10) realização de fóruns técnicos envolvendo agricultores, comerciantes, consumidores, pesquisadores e técnicos, destinados a estabelecer ações a serem desenvolvidas pela AAO em relação a aspectos técnicos, sociais, econômicos, jurídicos e ambientais de produção e de comercialização.

4 - PERSPECTIVAS

São claras as indicações de que o mercado de produtos orgânicos cresce de modo irreversível. Nesse contexto, a AAO procura tornar os agricultores por ela certificados cada vez mais conscientes e organizados na sua associação. As questões ambientais, como a contaminação do solo, água, ar e, principalmente, dos alimentos, a cada dia que passa tornam-se uma preocupação de grande parte da população, o que favorece ainda mais a expansão da agricultura orgânica. A mídia, refletindo essas preocupações, tem trazido o tema à discussão por intermédio de reportagens que denunciam graves contaminações de trabalhadores rurais e de alimentos e que têm causado grande impacto.

Neste tipo de análise deve-se, entretanto, preservar a figura dos agricultores convencionais (que utilizam os agroquímicos), pois a maior parte deles, especialmente os pequenos e médios, são muito mais vítimas nesse processo do que possíveis vilões, como às vezes algumas matérias jornalísticas deixam consciente ou inconscientemente transparecer. A AAO deverá estar atenta a esses fatos de modo a sempre deixar bem claro quem são os verdadeiros vilões da contaminação do solo, da água, de animais e de seres humanos.

Como todo ser humano, independentemente da sua classe social, respira, bebe e come, a médio prazo os problemas causados pela degradação e contaminação ambiental chegarão inexoravelmente a todas as famílias, por meio de doenças pulmonares, alérgicas, hepáticas, intestinais, câncer, imunidade a antibióticos, desequilíbrio hormonal, entre outras, decorrentes do contato e/ou ingestão de agroquímicos que vêm com

o ar, água e comida. As preocupações ambientais, que atualmente se espalham em nível mundial, a médio prazo tornarão impraticáveis a agricultura da forma como é feita hoje, de modo ainda predominante.

O próprio mercado gera fatos concretos que comprovam essa tendência. Um exemplo disso foi o lançamento no mercado brasileiro do açúcar "NATIVE" por uma campanha publicitária em nível nacional com um custo estimado em US\$5 milhões¹⁰. O produto é vendido por um preço entre R\$2,50 e R\$3,50 o quilo no varejo, enquanto o do açúcar comum está em torno de R\$0,65. O mercado orgânico de produtos agrícolas gradualmente vai ganhando importância como nicho de mercado, deixando de estar restrito apenas a pequenas empresas e tornando-se alvo do interesse de grandes corporações transnacionais. O crescimento desordenado desse mercado pode, entretanto, elevar o risco de descaracterização da filosofia e dos princípios que regem essa forma de produzir.

Os problemas ambientais decorrentes da agricultura convencional certamente se agravarão e, a curto prazo, o Estado gradualmente vai tomando medidas de apoio à agricultura orgânica. Caberá também no futuro, como já está cabendo no presente, à sociedade organizada intensificar sua colaboração nessas questões. A AAO, com o apoio de seus associados (agricultores, consumidores e comerciantes) e também de alguns órgãos do Estado, já está fazendo sua parte por meio da ação de seus agricultores. Ao produzir alimentos de qualidade e pureza, produzem também a preservação e a regeneração do meio ambiente, contribuem para a manutenção da biodiversidade e geram também conhecimentos científicos, ainda que não reconhecidos pelas instituições acadêmicas aferradas aos critérios de racionalidade exclusivamente econômica e que em sua maioria valorizam mais as tecnologias geradoras de desemprego. Como a maioria dos agricultores que estão se convertendo à agricultura orgânica origina-se da forma convencional de produção, serão necessárias ações de educação agroambiental para que os princípios e os ideais desse sistema sejam internalizados. O cumprimento às normas de produção, idealmente, não deve ocorrer por obrigação, mas, sim, porque os

¹⁰Informação prestada por representante da empresa em palestra realizada no Seminário Internacional sobre Mercado Justo e Café Orgânico, realizado em São Paulo (SP), nas Faculdades Cantareira, em março de 2000.

sistemas orgânicos de produção são mais adequados para o produtor, para o consumidor e para o meio ambiente.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A AAO está procurando por intermédio do seu trabalho oferecer aos agricultores paulistas e brasileiros alternativas concretas e viáveis do ponto de vista técnico, econômico, social e comercial que possam ser adotadas frente ao esforço publicitário gigantesco desenvolvido pelas grandes corporações transnacionais para revelar os avanços e as vantagens da agricultura oriunda e dependente da engenharia genética, que, ao invés de trabalhar com a natureza, busca modificá-la para criar uma nova natureza cujas consequências são imprevisíveis.

A agricultura orgânica terá certamente que conviver e disputar o espaço ideológico e de mercado com a agricultura química e também com alguns exageros científicos da biotecnologia, como a mistura de genes de vagalume com plantas, de bois com galinhas, etc. (RIFKIN, 1995). O trabalho para fortalecer e desenvolver a agricultura orgânica é difícil, mas esta tem a seu favor a realidade, traduzida nas consequências já bastante visíveis da crise ambiental, que está afetando drasticamente o dia a dia das pessoas.

A idéia de que só os processos convencionais, modernos, biotecnológicos, etc. são os únicos viáveis técnica e economicamente tem relação com o que SHIVA (1993) denominou a Síndrome de TINA (There Is No Alternative), que, em português, significaria Síndrome da Falta de Alternativa.

A história recente da AAO, suas lutas e o trabalho desenvolvido nos últimos dez anos por todos os dirigentes, com o apoio dos associados, consumidores e organização de comerciantes, constituíram-se, sem dúvida, nas principais causas do rápido crescimento e do sucesso demonstrado por meio dos dados apresentados. O esforço comum de todos os setores interessados e preocupados com as questões agroambientais tem demonstrado que há outras alternativas, que elas já são reais, estão crescendo rapidamente e estão sendo construídas por todos os segmentos que delas participam e acreditam.

LITERATURA CITADA

- EHLERS, Eduardo. **Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma.** São Paulo: Livros da Terra, 1996. 178p.
- RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho.** São Paulo: Makron Books, 1995. 384p.
- SHIVA, V. **Monocultures of the mind: perspectives on biodiversity and biotechnology.** London: Zed Books, 1993. 183p.
- VIGLIO, E. C. B. L. **Produtos orgânicos: uma tendência para o futuro?** *Agroanalysis*, Rio de Janeiro, v.16, n.12, p.8-11, dez. 1996.

**PASSADO, AÇÕES PRESENTES E PERSPECTIVAS DA
ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTURA ORGÂNICA (AAO), SÃO PAULO, BRASIL**

RESUMO: *Este artigo mostra o passado do movimento de agricultura alternativa em São Paulo, que resultou na fundação da Associação de Agricultura Orgânica (AAO) em 1989, focalizando as atividades por ela desenvolvidas. Na esfera institucional, a Associação lida com regulação, normatização, relações com setores público e privado, exportações, ética, eventos e parcerias. Também apresenta aspectos de comercialização como relações de mercado, canais de comercialização, papel dos consumidores, preços, embalagens, etc. As atividades técnicas da AAO incluem o desenvolvimento de normas orgânicas de produção, certificação, selo orgânico, apoio à produção, promoção de reuniões técnicas e cursos. As perspectivas da produção orgânica em São Paulo e no País também são apresentadas.*

Palavras-chave: *agricultura orgânica, ONGs, Estado de São Paulo.*

**BACKGROUND, PRESENT ACTIONS AND PROSPECTS OF
THE ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTURA ORGÂNICA (AAO), SAO PAULO, BRAZIL**

ABSTRACT: *The purpose of this paper is to show the past of the alternative agricultural movement in the State of Sao Paulo, which resulted in the foundation of the Associação de Agricultura Orgânica (AAO), in 1989. At the institutional level the AAO deals with regulation, standardisation, public and private sectors relations, exports, organic production ethics, events organization and partnerships. It also focuses on market relations, marketing channels, consumers' roles, prices, packaging, etc. Technical activities of the Association include the establishment of organic norms of production, certification, organic label, production support, technical meetings and courses. Future prospects for the organic production in Sao Paulo and in Brazil are also presented.*

Key-words: *organic agriculture, NGOs, Sao Paulo State.*

Recebido em 09/08/2000. Liberado para publicação em 03/10/2000.

Informações Econômicas, SP, v.30, n.11, nov. 2000.